

# VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO

RUA DO OUVIDOR

32 - sobrado - 32

CORTE

Trimestre	35000
Semestre	60000
Anno	200000

PROVINCIAS

Semestre	110000
Anno	210000
Avulso	15000



"Que é isso? O que v'asdas procurando, Diogenes?  
"Cousa que t'anda n'as vi este anno: - Um mascara d'espírito."

## A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 17 de Fevereiro de 1872.

O carnaval expirou.

E expirou sem deixar vestígios de si, diga-se em homenagem á verdade.

Foram tres dias de loucura estapida, que correram pesados como os artigos de fundo do *Correio do Brazil*, que segundo parece, já não tem fundos.

A face saliente do deus Momo, este anno, foi o cachação, o pontapé e a falta de espirito.

E eu, que tanto amava o carnaval!

Só quem já tem sentido a influencia, que um nariz postigo exerce sobre o systema nervoso, pôde aquilatar o que é para o velho (caso em que está infelizmente o escriptor destas linhas) a saudade do carnaval.

Esta saudade não é aquelle *doce amargo*, que com tanta propriedade define o poeta; é uma dôr inexplicavel; incommoda mais que um callo nas conjuncções da lua, espeta como alfinetes, faz-nos rir e chorar ao mesmo tempo, como uma pancada no cotovello, afflige mais que um mexerico de mulher. É uma sensação enfim, que a phisiologia ainda não pôde explicar.

O homem de conveniencias em um baile carnavalesco soffre torturas do inferno.

Si puxa os collarinhos para se dar certo ar de importancia, a perna piramidal de um *debardeur*, ou a bocca côr de rosa de um dominó, que sorri entre-abrindo um fio de perolas, obriga-o a correr, e lá se vai pela agua abaixo a gravidade do papel estudado.

Outros não pôdem resistir á tentação, e meia hora depois estão compromettidos até á raiz dos cabellos, dansando e fazendo gaifonas com um nariz de cera. e acabam o baile arrastando a lingua e os pés.

Quando chega o arrependimento na quarta-feira de cinza, a imagem serena da conveniencia apparece-lhes ao amanhecer para dizer-lhes com voz solenne: «E' tarde! é muito tarde!»

O carnaval de 1872 não deixou saudades.

O *Zé Pereira*, o proprio *Zé Pereira*, o grande *Zé Pereira*; o classico *Zé Pereira*, como diria Guimarães Junior, em suas *Revistas do domingo*, morreu, pôde se dizer, como morrem todas as grandes idéas.

Um ou outro appareceu, mas de tal modo trans-

formado, que ninguém o conheceria si o rolandu zambão e as caixas não o apresentassem.

O disparale chegou a ponto de fazerem um *chicarr!* porta-estandarte da troça.

Horror! Introduzir um *chicarr!* em um *Zé Pereira* é absurdo tamanho, como comer *croquettes*, *gateaux à la reine*, e beber vinho do Rheno n'uma feijuada dos nossos ante-passados.

Maldicto progresso!

O que fizeste daquellas casacas com botões de pão de ralla?

Onde estão aquellas botas enlameadas e os vestuários de capim?

Treme do futuro, quando elle vier, severo e imparcial, pedir-te contas!

..

Peza-te, ó progresso, sobre os hombros, uma responsabilidade ainda maior — tú mataste os *princezes*!!!

Em vão procurei pelos theatros uma capa de belbutina, uma espada de pão e um chapéo com plumas! Os *princezes* vão morrendo com os *Zés Pereiras*!

Na ultima noite, seja dito em honra da verdade, fui deparar com um, sentado em um angulo retirado do Theatro Lyrico, serio como um obelisco, estupidio como um almanack, solitario e triste, entregue á contemplação de todo aquelle mundo que gyrava-lhe em torno.

E'ta o ultimo Abencerrage!

Ainda é tempo, não deixem morrer os *princezes*.

A morte d'elles importa a ruina do Carnaval.

..

Si não houve espirito, em compensação houve luxo e gastou-se dinheiro em profusão.

Os *Tenentes do Diabo*, o *Club X*, a *Heydelberg*, os *Fenianos*, e *tutti quanti*, são a manifestação eloquente do que fica dito.

A *Heydelberg*, sobre tudo, em seu passeio da ultima tarde, fez recordar os sandosos tempos das *Somnidades Carnavalescas*.

Os *Estudantes de Heydelberg*, são aquelles pagodistas da velha Allemanha, que sabem beber, cantar os coros do *Freychutz*, e dedicar idylls aos olhos azues e aos cabellos de seda frouxa de suas amantes.

A vida corre-lhes serena e suave, como as aguas do Rheno, prateadas pela palida luz do luar.

Os *Tenentes do Diabo* pintaram o *diabo*, e o *Club X* achou a incognita das mulheres bonitas e do prazer; os *Fenianos*, segundo o louvavel costume, brilharam pelo seu immonso *sol*—e disse.

Os theatros foram theatro de alguns bofetões, segundo é estylo, mas felizmente a ordem publica não foi alterada.

E que lá estava, para *circumscrever* os bofetões, quem podia comparecer *promptamente*.

Não me refiro ao commandante em chefe dos incendios, mas a um homem alto, magro, suíças á inglaterra, que por ali anda, e que é conhecido pelo simples nome de Ludgero.

Esse homem é o major Vidigal da epocha.

Os mascaras de casaca foram em grande abundancia.

Ha muita gente neste valle de lagrimas que anda de mascara sem estar mascarado.

O politico, que falla de suas crenças e de sua abnegação, visando unicamente o interesse, é um mascarado cem vezes mais perigoso do que um dominó intrigante.

Aquelle que em annos de proza falla de amor e de poesia e leva ao altar uma mulher rica, esconde sob a mascara de desinteressado a *fames auri*, que se lhe ateava no peito.

Neste seculo de realismo é o mascarado de mais espirito.

Socrates, sacrificando um gallo a Esculapio, estava mascarado quando préguou a unidade de Deus.

Todos mais ou menos se *phantasiam* neste mundo de *phantasias*.

Passou a epocha dos mascarados.

Estamos na do Sr. bispo e do Apostolo.  
Até sabbado.

Z.

### As duas paixões do Manduca.

Nasceu o Manduca nas «Dores do Pirahy».

Lá se criou e engordou tanto, que chegou a pesar aceto arrobas.

Já é l....

Nas «Dores» vivem sempre casto e beato. As mulheres metiam-lhe medo, e se, lá de vez em quando, procurava arriscar uma declaraçãozinha, a timidez paralisava-lhe a palavra, e por mais esforços que fazia para fallar, ficava mudo durante alguns minutos.

Um dia veio á Corte, e attrahido pelo muito que ouvia dizer do theatro francez, que alli dirigio seus passos logo que foi noute.

Manduca tinha vinte annos,

Não era bonito, nem feio, mas, embora atoleimado, sentia-se disposto a amar.

Foi o infeliz moço ao theatro, e viu-lá uma d'essas creaturinhas endiabradas (o nome é segredo) por quem ficou logo.... morto de amores.

O Manduca, apezar da sua *pudivundez*, quando viu a moçoila sentio calafrios na espinha, e teve desejos de fazer uma conquista.

Após o espectáculo, voltou para casa do correspondente, onde se alojára, e levou a sonhar o resto da noute.

No dia seguinte voltou ao Alcazar. A moçoila (se não era dançarina, era cantora; e por fim de contas talvez fosse nua e outra coisa ao mesmo tempo) fazia *beneficio*.

Manduca sentio que era poeta, e inspirado por uma *piruella* ou por uma *roulote*, (não se sabe ao certo) compoz uns versos, que diziam assim:

« Mulher, immortal franceza,

« Tu és um anjo ás deveras,

« Nas «Dores» inda não vi

« Creatura de mais gentileza.

« Quer cantando, quer dançando

« Matas a gente, mulher;

« Meu abdomen desfolha

« Vivo contigo sonhando.

« Recebe esta versalhaba.

« Artista, genio, portento!

« Prova é de puro amor

« De affeição.... e mais nada.

Cheio de si, Manduca mostrou os versos ao Varejão, da *Semana Illustrada*, e pediu-lhe parecer sobre elles.

Varejão respondeu-lhe:

« Homem, lá nas «Dores» talvez peguem... para a Corte acho-os.... sublimes de mais.»

Os versos foram cabir ás mãos da moçoila, que rio a bom rir quando lhos traduziram.

Na noute seguinte, Manduca julgou-se a mais feliz das *coisas creadas* porque a rapariga olhou para elle duas vezes.

Quando porém soube que o seu *ideal achado* já tivera 34 namoros, oitenta caprichos, cem aventuras, e duzentas paixões serias, cahio das nuvens.

Foi para casa e violenta febre o accommeteu.

Apenas melhorou, voltou para as *Dores* na firme tenção de entrar n'um convento.

A imagem da mulher, que o fiserá poeta, oppunha-se porém á realisação de tal idéa.

Confessou-se com um capuchinho italiano, o qual lhe disse:

« *Quella ragazza è il diavolo, che avete in corpo. Bisogna scacciar-la. Legate la collezione completa del Diario di notizie. Questa penitenza vi farà tornare alle idee ragionevoli.*

CARNIVAL

FOTO  
ARL

É 'lucara? É! Mas, onde está o furo? É! 'cancuca sem furo!



Mascara que serve, mesmo fora do carnaval... a certos clérigos...



Tratando 'Carlus boof' por agno e gastes 200 em dois dias. 'Pablo' ficou, mas acabou, quebra-cabeça, pois os 564 dias d'este anno.

Carnaval de heretico  
Antigamente dizia-se: - 'Julieta' Vasquez  
Rege dei de.



Seas trocados.  
(Não acham que a 'ilusão' é completa?)

Filomonis! Ou está o espírito  
deus vai lá, de que 'heretico'  
é este 'heretico' não vem da  
Estação Central.

O que mais o 'heretico'  
está de 'Carlas' 'Pablo'  
Vol. d' 'my gatto'  
ver o diabo.

PARA

PAR



que  
é o Romeo  
e a Julieta.



para a algar.  
Marques do Brasil.  
em trade, um



Ou commendador, que bom a pre-  
dava a procura de quem me fa-  
zesse a coisa e o carro....



Conto de duzentos e mais braco para  
acabar o a este creacione ignobil?  
Calu, e a honra e da vida, foga  
de seu e o unico de conta do...  
duzentos que dizem que...  
tudo isto, pateta!



Qual, não sei. O  
espírito de este carnaval  
fica enfiado, nos  
ra q'us...



Revista de Jorginho e seu "Fim do Mundo"  
(Grilo d'entusiasmo sobre o...  
mullados quando o cortejo passava)

Como pulcras, mascarar autil  
uma pulcras a...  
"Fim do Mundo" e o...  
"Fim do Mundo" e o...  
"Fim do Mundo" e o...

O rapaz não entendia patavina; mas como se lhe fallara do penitenciar, entenderam que devia alimentarem-se só a pão e água, e festejar as costas de vez em quando com as caricias do *bacallado* da fazenda.

No fim de um mez Manduca emagrecera prodigiosamente.

Não era um home:m já... era um espinafre... sem folhas.

Nas *lôres* não havia medico de nome! A familia vendo aquella magreza resolveu mandal-o a Vassouras para consultar à um esculapio de carro à porta, e crendo na almodada.

O medico receitou-lhe feijão com bom toucinho, e vinho do Porto virgem.

Com tal receita:rio voltou Manduca ás suas carnes primitivas.

Com as carnes voltaram-lhe as cores, e a lembrança da *madonnette*.

Manduca não resistiu à tentação. Deixou Vassouras, o feijão e o vinho do Porto, e veio para a côrte.

Ao atravessar o Rio:io topou com a mulher dos seus sonhos repimpada dentro de uma victoria e encostada no *châtelain* ao braço de um rapazote, meio inglex e meio brasileiro.

Manduca ficou furioso.

Fez parar o carro e dirigindo-se à moça, disse-lhe:

*Não podes ser minha esposa; mas não importa... hei-de perder-me por tua causa.*

Desta vez era muito serio a causa. Manduca voltou ao pão e água, e reduziu-se a uma especie de palito transparente.

Os medicos allopathas aconselharam-lhe que fosse viajar à Europa. Os home:opathas disseram-lhe que era melhor voltar para as *Dores*.

Manduca seguiu a opinião dos segundos. Voltou para as *Dores* e dous mezes depois sentio no peito nova paixão por uma tal Rosa Felismina, especie de flor do matto, sem cheiro nem attractivos, mas que, ao estender-lhe a mão direita no altar, lhe offereceu com a esquerda umas oitocentas apolices da divida publica.

Um dia o frade capuchinho, que lhe ouvio a confissão voltou ás *Dores* e encontrando-o na rua com a Srta. Rosa Felismina, disse-lhe ao ouvido.

*Ebbene? quella passione?*

*Está um pouco ma's apagada, seu padre: responde-o-lhe Manduca, que desta vez comprehendera. Mas não importa, paixão como aquella só tive igual p'la minha Rosa Felesmina.*

E dizendo isto, Manduca apontava para a mulher que lhe dava o braço.

### Assumpto de varias côres.

Antes do Carnaval foi meu cuidado enfeitar uma grinalda, na firme tenção de offerecel-a á

sociedade que mais se distinguisse durante os tres dias da folgança.

Hoje, porém, são tantas a disputar-me as pobres lôres; tantas, que nem eu sei como haver-me.

De um lado dizem-me os Tenentes:

*Nós tivemos ideas repassadas de espirito, e na sua realisçãõ não pouparamos zelo nem dinheiro*

*Fizemos o diabo a quatro nos bailes do Lyrico; enchemos a para de boas peisqueras a quanto gauderio nos foi bater à porta, portamo-nos briosamente no rã de terra feira, eram ricos os nossos trajes, escahidos a dolo as NOSSAS MASCARAS... DO SEXO fraco, ristosamente enfeitados os nossos carros— não teremos direito à grinalda prometida?*

De outro bradam-me os Fenianos:

« Tanto no domingo como na terça feira o « nosso passio foi um dos que mais deram na « vista. De tarde mostrámos espirito, distribuindo « versos e innumeros exemplares do nosso.—Fa- « cho da civilisação. A' noute, obrigamos o as- « tro diurno a descer das suas alturas, e a « seguir-nos, qual caxorrinho felpudo, por todas « as ruas do nossa transitio.

« Não niereceremos, pois, a grinalda, de pre- « ferencia a qualquer outra sociedade? »

Inda bem os Fenianos não acabaram o seu speech, e já ouço os *Estudantes* e *Y* gritarem-me como verdadei:res foliões, que foram:

« Para cá a grinalda.

« E' nossa; pertenceo-nos.

« As nossas conchas artisticamente guarne- « cidas, e servindo de envolvero aos mais lindos: « mariscos de todos os paizes conhecidos, dão « nos o direito de preferencia, conferem-nos o « primeiro lugar. »

A nossa entrada no Lyrico, a mesa franca, que alli tivemos à disposição de todo o bicho careta, e os discursos que proferimos, exigem certas distincções, que não deem conceder-se a outros.

A «Internacional», os «Meteoros» e os «Parasitas de casaca» não ficam atrás das precedentes na gritaria com que reclamam a pobre grinalda.

Diz a primeira: *Fomos poucos, mas não nos faltou galhardia.*

Acrescentão os segundos: *Emquanto os ouros andaoam de carro, andamos nós a cavallo, o que é muito mais commendado.*

Allegam os terceiros: *Representamos o nosso papel com criterio. Fomos espirituosos, sem offender a moral e os bons costumes.*

*Não receberemos ao menos uma florzinha, uma só, da sua grinalda?*

Meus senhores! (sou em quem falla).—Deposito

nas mãos do presidente dos *Tenentes* as minhas pobres flôres, pedindo-lhe de guardar bom quinhão para a sociedade de que é chefe, e distribuir o resto pelas outras, de sorte que nenhuma dellas possa ter razão de queixa.

Disse.

As folias carnavalescas absorverão por tal sorte a atenção de todos, que os theatros foram quasi esquecidos na semana hoje finda.

Os bailes do Lyrico, que eram effectivamente deslumbrantes de luz e attractivos, e que se prolongaram até 4 horas da manhã, cançaram tanto a parte da nossa população mais propensa aos divertimentos, que a não ser o espectáculo de quinta-feira (no theatro francez) as platéas teriam feito lembrar o *apparant rari* de Virgilio.

Felizmente o nome de Mlle. Delépiere é o imán mais attrahente da actualidade, e pôl-o no cartaz equivale a enchente certa.

Dos outros theatros pouco sei.

O Lyrico, completamente restaurado, abre as suas portas na proxima terça-feira para receber as muitas familias da nossa primeira sociedade, que desejão ouvir a afamada rabequista, de quem falei nas linhas antecedentes.

A noute promete ser uma das melhores que são passar-se em theatro nosso.

O extraordinario talento de Julia Delépiere é já conhecido *ubi et orbe*, e grande é a curiosidade que todos sentem de ouvir os sons inspirados do seu *violino-modelo* em sala de mais vastas proporções.

A Snra. Geri, comprimaria da companhia italiana, tambem annuncia para sabbado proximo um grande concerto, em seu beneficio, no salão do mesmo theatro.

A parte cantante acha-se confinada ás Snras. Pasi, Geri, e aos Snrs. Lelmi, Ordinas e outros artistas da associação lyrica, os quaes pela ultima vez cantam na presença d'este publico, que tantos applausos lhe prodigalisou outr'ora na vasta scena do *D. Pedro 2.*

Espectaculos assim não carecem de recommendação.

O nome dos cantores e a boa vontade e zelo artistico, de que tantas provas deu a beneficiada, são sufficiente incentivo á concurrencia publica.

## Cartas á prima Quiteria.

PRIMINHA.

De novidades foi farta  
A recém-passada quadra.  
Nos limites de uma carta  
Não posso contar-vos tudo...  
Depois da allemã esquadra  
Veio de paz o tratado,  
Depois deste bem fallado,  
As diabruras do entrudo...

Dos estudantes na greve,  
Que terminou não sei como,  
Ninguém a fallar se atreve  
Durante as festas de Momo,  
Porque tornou-se sediga  
Desde que da esquadra immensa  
Preocupando-se a imprensa,  
Chamou-nos todos á liça.

Mas fallemos do deus Momo,  
E suas sacerdotizas  
De franças soltas ás-brizas,  
Do *kan-kan* e da loucura.  
—Comendo o vedado como  
Perdeu-se o homem primeiro,  
Mas deixou ao mundo inteiro  
Franco o templo da ventura!

Lamento, prima Quiteria,  
Que estivesseis d'aqui longe,  
Porque, se não, disfarçada  
Em freira, em deusa ou em monge,  
Como eu, muita pilheria  
Ouvirieis de bom gosto;  
Pois desde a rapaziada  
Dos *Tenentes* do Diabo  
Até áquellas creanças  
Grotescas, de longo rabo,  
Tudo honrou velhas uzanças,  
Prompto, firme no seu posto.

Veio á luz o posto medico,  
Invenção da caridade  
Que fornece á humanidade,  
Por prego que não é alto,  
Em qualquer canto da corte:  
*Sangrias, tartaro emetico,*  
Para as febres—o sulfato;  
Que cura a todo o doente,  
Cura tudo finalmente,  
Menos se o mal é de morte.

M. G.

(Continua)

A. DE A.

Typ de J. M. A. A. d'Aguar, rua da Ajuda n. 108.

A VIDA FLUMINENSE



"Quedinha, o teu peixinho tem-me posto o quão a tratar. Estou atolinhado  
 e não te é casado.  
 "Não importa isso? A minha Coa não tem um pé assado. Se o tivesse eu  
 era capaz de dar os meus ao diabo.  
 "Toda a gente já, seu bratão, e com a gente da nossa separação, por  
 que não queres viver mais na companhia de um... velho e torcido, co-  
 mo o Beto."